

## Capítulo 2 – Um labirinto não, um palácio!

Murin não fez questão de manter segredo quanto aos aventureiros se organizava em sua taverna, pois a publicidade gratuita ao seu estabelecimento era muito bem vinda, por isso divulgou a presença dos aventureiros aos sete ventos. O apoio popular era grande e compreensível, pois eram o único grupo formado por habitantes locais a marcharem para Laipem, seguindo o plano do regente Helios. Havia outros grupos de aventureiros, mas originários de outras regiões. O plano de Murin foi bem sucedido e uma centena de pessoas apareceu subitamente na taverna para vê-los com a desculpa de comprar cervejas, conhaques, pães e outras frivolidades. Era um excelente número para o período da manhã.

A súbita fama teve efeito variado no grupo. Nitia, Joukthups, Baraz-Bund e Tsugio irritaram-se, pois agora eram alvos fáceis para assassinos e o desconhecido inimigo que havia atacado a cidade. Os demais adoraram a nova experiência e agiam quase que teatralmente, disputando para chamar a atenção das pessoas que já se acumulavam nas mesas. Assim que organizaram seus mantimentos, por volta das nove ou dez da manhã, puseram-se na estrada, sendo cumprimentados por camponeses em cada esquina.

No dia anterior o grupo havia conversado e combinado o valor da recompensa junto a Helios que havia lhes prometido cinquenta peças de ouro caso recuperassem a Santa Água. A quantia não era elevada, se comparado com os riscos que corriam, mas mesmo assim era uma fortuna, se possuída por uma única pessoa.

A caminhada até Laipem era longa, cerca de doze quilômetros, e passava pela quase esquecida Estrada dos Três Povos, que no passado ligava os anões de Laipem com os elfos de Angev e os humanos em Bringth. Com exceção de Nitia, todos estavam ansiosos e dispostos, e naturalmente caminharam apressadamente. Em certo ponto Nitia avistou a Floresta de Angev e sentiu vontade de aventurar-se lá, afinal para ela aquele seria um ambiente mais acolhedor. O mesmo sentimento foi tomado por Assiral que via as florestas como locais mais amistosos do que as cavernas.

Na hora do almoço o grupo chegou à frente da entrada de Laipem, que atualmente mais se assemelhava a entrada de uma caverna selvagem, e alimentaram-se diante do que restava dos portais de mármore. Próximo havia uma placa que dizia na língua dos homens,

dos elfos e dos anões: “Não entrem. Labirinto. Morte certa.” Lariata, que não sabia ler, pediu o auxílio de Nitia.

\_\_É um aviso. – disse Nitia para a guerreira. – Está dizendo para não entrar. Avisa também que é um labirinto e que a morte é certa.

\_\_Excelente! – respondeu sorrindo Lariata, enquanto afiava a sua espada.

\_\_Que besteira! – retrucou Maliha, com seu jeito jovial. – Toda morte é certa. – novamente o comentário da jovem gerava um consternador silêncio que foi interrompido pelo anão, quase resmungando.

\_\_Um labirinto não, um palácio!

\_\_Somente um anão para considerar uma caverna como um palácio. – provocou Baliak.

\_\_Talvez não esteja em sua melhor forma, é verdade. – retrucou o anão. – Mas quem negaria que uma grande cidade dos humanos não seria um labirinto para aqueles que a desconhece? Por isso, afirmo meu caro elfo. Para os olhos incultos, essa caverna é apenas um labirinto. – Essa última frase foi em tom de deboche, já que sabia que o meio-elfo não gostava de ser chamado de elfo.

Mais uma vez comeram ouvindo a dupla discutir. Conheciam-se há não muito tempo, mas sabiam provocar um ao outro como crianças. Os elfos ficaram calados a maior parte do tempo, vez que não gostavam de cavernas e já sentiam o ar pesado que os esperavam lá dentro.

Tendo saciado a fome, entraram na caverna, explorando o que restou da grande cidade dos anões. Arthins e Tsugio ascenderam tochas para iluminarem o caminho. De fato, nas condições em que se encontrava, Laipem não passava de um local onde túneis escuros se entrelaçavam sem uma lógica predefinida. Aparentemente, os túneis eram naturais do local, mas foram esculpidos pelos anões dando ar de nobreza e robustez. As casas, escavadas nas pedras, estavam abandonadas e ocas e apenas restos de mobília, lascas de madeira e restos de utensílios domésticos eram encontrados. Caminharam cerca de um quilômetro quando encontraram a primeira encruzilhada em forma de Y.

\_\_Escolha o caminho, anão. – disse Baliak, sem perder a chance de provocá-lo.

\_\_Como bem sabe, nobre elfo. Nunca estive aqui, portanto Laipem pode parecer um labirinto até mesmo para mim.

\_\_Quem diria! Um anão confirmando que sua cidade é um labirinto. – respondeu Baliak arrancando alguns sorrisos.

\_\_Maliha, tem alguma magia para descobrir o melhor caminho? – disse Joukthups, desviando a atenção do grupo.

\_\_Claro! Mas saiba que não posso fazer isso a todo o momento, posso fatigar-me. – Ela disse algumas palavras mágicas e então se voltou ao grupo. – Ambos os caminhos são igualmente mortais.

\_\_Isso é animador. – respondeu Nitia.

\_\_Eu voto em irmos pela esquerda. – disse Arthins.

\_\_Por quê? – perguntou Assiral, quase tão incomodado quanto Nitia com o local.

\_\_Porque antigamente acreditava-se que aqueles que usam a esquerda são mais fracos. – argumentou o guerreiro. – Como esse lugar é muito velho, isso pode indicar que este seja o caminho mais fácil.

\_\_Maliha já disse que não há diferença. – disse Joukthups rapidamente, evitando que o grupo desse gargalhadas. Ele temia que a ausência do medo em seus amigos atrapalhasse a segurança do grupo. – Acho que devemos ir pela esquerda, apenas porque não foi sugerido outro caminho. O que acham?

\_\_Se a brux... Perdão, se a jovem Maliha disse que esquerda e direita são indiferentes. – disse o anão envergonhado pelo ato falho comum aos de sua raça que constantemente vêm a magia com desconfiança. – Então vamos pela esquerda, pois há uma coerência na lógica de Arthins. Anões raramente são canhotos!

Após uma breve discussão, na qual Baliak novamente fez pouco caso de Baraz-Bund, o grupo chegou a um consenso e seguiu pela esquerda. Caminharam por dois ou três quilômetros e a paisagem pouco mudava, apresentando apenas alguns casebres e construções abandonadas. No fim deste caminho se depararam com outra bifurcação, novamente em forma de Y.

\_\_Por Mowendrus! Como essa encruzilhada é parecida com a anterior! – exclamou Maliha.

\_\_Lógico! Se não fosse, isso não seria um labirinto. – disse Baliak, sorrindo para Baraz-Bund.

\_\_Já disse que não é um labirinto! – respondeu o anão. – Essa semelhança é uma forma genial que os anões desenvolveram para se proteger de invasores, mantendo-os andando em círculos enquanto preparam suas defesas.

\_\_Parem vocês dois! – se impôs Joukthups. – Não estamos fazendo um passeio no bosque! Ninguém sai vivo deste lugar em cem anos! Cem anos! Lembrem-se disso e andem com suas armas em punho!

Foi somente nesse momento que ficou evidente que somente Nitia, por medo, e a dupla Arthins e Lariata, por costume, caminhavam com suas armas em punho. A bronca de Joukthups surtiu efeito, pois todos sacaram suas armas, e ficaram com o semblante um pouco mais sério. Nitia tomou a palavra:

\_\_Tente descobrir novamente o melhor caminho, Maliha.

\_\_Acho melhor não. Ficarei fatigada se fizer isso em cada encruzilhada que encontrarmos.

\_\_Acho melhor fazermos um mapa. Assim não nos perderemos. Tenho um pergaminho e pena aqui em algum lugar. – disse Assiral, procurando em sua mochila. Lariata e Baliak aprovaram a idéia e resolveram fazer o mesmo.

\_\_Eu não preciso! – disse o anão, orgulhosamente. Assiral tomou a palavra, após o trio ter feito, cada um a sua maneira, um esboço do caminho percorrido:

\_\_A pergunta persiste, para onde iremos?

\_\_Eu prefiro ir para esquerda. – disse Baliak. – Assim é mais provável chegar a algum lugar.

\_\_Como sabe disso? – replicou Lariata. – Prefiro ir pela direita, assim evitamos andar em círculos.

\_\_Até onde sabemos já podemos estar andando em círculos. Nenhum de nós nunca viveu em uma caverna. – respondeu Baliak.

\_\_Garanto a você, nobre elfo. Ainda não estamos andando em círculos. – disse Baraz-Bund, confiante.

\_\_Ah! Desde quando um anão criado por humanos sabe alguma coisa sobre cavernas? – retrucou Baliak. O anão ficou furioso, engrossou a voz e avançou sobre o elfo, tentando acertar um golpe com o cabo do machado. Assim que a confusão foi instaurada apenas uma voz foi ouvida:

\_\_Seu elfo maldito, eu vou... – um súbito silêncio tomou conta do local. No primeiro instante as expressões faciais misturavam a raiva de Baraz e Baliak com a força impressa para segurar a dupla que insistia em briga. Em seguida todos ficaram surpresos, pois falavam, mas nenhum deles podia ouvir sequer sua própria voz. A confusão durou apenas alguns segundos, e eles desistiram de brigar entre si, pois pensaram que um perigo maior se aproximava. Todos, com exceção de Nitia-Gandriel e Joukthups, buscaram suas armas, que haviam caído no chão. Eles entreolhavam-se assustados, soltando gritos que não emitiam som algum. Nitia sabia o que estava acontecendo e estava calmamente encostou-se na parede, olhando decepcionada para o grupo. O arcano encarava a dupla furiosamente e quando percebeu que a calma havia sido restabelecida apontou seu longo e magro dedo indicador para ambos, dizendo:

\_\_Não tolerarei mais esse tipo de provocação Baliak! Ambos controlem-se ou em um instante estarão de volta a Bringth! Estão me fatigando sem necessidade e se arrependerão por isso, principalmente se suas infantilidades atraírem algum inimigo. Já disse que esse local não é um acampamento! Respeitem uns aos outros ou terão comigo! – o grupo permaneceu em silêncio sem entender como podiam ouvir o mago, que continuou. – Nós iremos para a esquerda, já que ainda não estamos dando voltas. No caso de aparecer uma nova encruzilhada, daremos maior atenção à possibilidade de seguir pela direita. Assiral e Lariata atualizem seus mapas. Tsuguio e Arthins sigam na frente, Lariata e Baraz-Bund cubram a retaguarda! – Baraz e Baliak reagiram de maneira oposta. O anão parecia constrangido por ter entrado na provocação do meio-elfo enquanto Baliak escondia uma satisfação típica de um menino que havia tomado uma bronca após ter feito molecagens. Após respirar fundo, o mago continuou. – Podem voltar a falar, já cancelei a magia.

Apesar da permissão do mago, o grupo manteve-se em silêncio. Caminharam por quase um quilômetro e depararam-se novamente com uma encruzilhada. Eles podiam seguir reto, ou fazer uma curva à direita.

\_\_Eu acho que vocês sabem meu voto. – disse Lariata. – Vamos pela direita.

\_\_O que acha Baraz-Bund? – se adiantou Nitia, antes que uma nova discussão começasse.

\_\_Acho que devemos seguir em frente. Tenho a impressão que a essa passagem termina em cerca de quinhentos metros. Consigo ver algo lá na frente.

\_\_Sendo assim, acho que concordo com o anão. – disse Baliak, tentando recuperar o respeito do grupo.

\_\_Se nem mesmo você está se opondo, acredito que devemos seguir por esse caminho. – disse Joukthups. – Tudo certo para você, Lariata?

\_\_Se o caminho terminar lá, não vejo grandes problemas. – respondeu a guerreira.

\_\_Então vamos! – disse Arthins, tomando a ponta.

\_\_Aposto que o caminho vai nos levar a uma curva, seu anão dos campos. – disse Baliak em tom baixo, sem que os demais pudessem escutar. Novamente ele tentava irritá-lo e se divertir às suas custas, mas desta vez não foi bem sucedido, já que o anão o ignorou por completo.

Atualizaram seus mapas e seguiram pelo caminho. Após avançarem alguns metros o anão afirmou que o túnel terminava em uma construção abandonada que lhe chamou a atenção. Estavam ainda longe do local, mas Baraz viu nitidamente uma placa de pedra na altura da porta, estava desgastada e velha, mas o desenho de uma bigorna remeteu às antigas instalações de antigos armeiros. Após descrever o que viu aos demais, Baraz continuou:

\_\_Não me parece uma construção qualquer. Parece estar mais preservada que as demais.

\_\_Como sabe? Não vejo nada a frente. – respondeu Baliak.

\_\_Nós, os anões, podemos ver no escuro. Confie em mim! – disse Baraz-Bund orgulhosamente, se esforçando para não se gabar ainda mais.

\_\_Ela está abandonada? – perguntou Tsuguio que estava em silêncio há várias horas. Seu silêncio constante e passos silenciosos faziam com que sua presença fosse quase imperceptível. Aparentemente o homem-do-norte parecia bastante concentrado e ciente dos perigos que corriam.

\_\_Posso afirmar que está tudo quieto lá. – respondeu o anão.

\_\_Deixe-me tentar descobrir algo. – disse Maliha. Em seguida concentrou-se, dizendo umas palavras mágicas. As mesmas que dissera anteriormente. – Sinto um perigo nesse lugar.

\_\_Aposto que sente isso desde que entrou aqui dentro. – respondeu Nitia, controlando os calafrios.

\_\_Você tem razão, de certa forma, mas nesse lugar pareceu-me mais forte. – respondeu Maliha.

\_\_Acha melhor voltarmos? – perguntou Joukthups.

\_\_Não sei dizer. – respondeu a jovem.

\_\_Eu posso explorar o ambiente, em busca de pistas. – disse Tsuguo.

\_\_Eu vou com você, para o caso de encontrarmos algo valioso. – respondeu Baliak.

Os demais concordaram. Era certo que a dupla era a mais indicada para explorar a construção, por serem os mais silenciosos. Eles seguiram na frente, caminhando de maneira imperceptível e utilizando as sombras como refúgio. O restante do grupo ficou a cinquenta metros, observando-os. Baraz-Bund disse em tom baixo, mas audível para todos que observavam:

\_\_Do que adianta esse silêncio todo, se nossas tochas já avisaram a nossa presença. Não podemos apagá-las, pois assim vocês serão tão úteis quanto um grupo de cegos. Estejam preparados, pois se tiver algo maligno ali, irá atacar.

O grupo concordou com a cabeça e preparou-se. Enquanto isso, a dupla seguia com as armas em punho. Resolveram observar a construção pela lateral, por um vão na parede que provavelmente foi uma janela em tempos passados. Tão silenciosos quanto felinos, se aproximaram e observaram o interior da construção. O local parecia já ter sido pilhado, mas entre os amontoados de metais e escombros viram uma peculiar poção de cor branca que brilhava na escuridão, contrastando com o meio sujo e turvo.

Parecia evidente que se tratava de uma armadilha, pois era improvável que um objeto mágico se encontrasse preservado durante um século nesse local. Puseram-se a observar o ambiente por alguns segundos, mas nada enxergaram. Mantiveram-se em silêncio e tentaram se comunicar por gestos. Baliak queria pegar o objeto, ao menos era o que Tsuguo entendia. Já o homem-do-norte não queria aventurar-se sem antes chamar os amigos. Discutiram apontando e gesticulando, mas sem fazer um som sequer e mal podiam compreender o que o outro comunicava, pois não entravam em um consenso. Finalmente, o meio-elfo levantou-se fazendo sinal de que iria pular o vão. Ele o fez silenciosamente, obrigando Tsuguo a segui-lo irritado, mas com habilidade superior.

Enquanto Tsuguo pulava, Baliak olhava a volta, com sua espada em punho, procurando por um perigo iminente. Tsuguo fez o mesmo, mas eles não viam nada. O

restante do grupo ficou ainda mais ansioso, pois agora perderam o contato visual com os amigos. Lentamente eles se aproximaram da poção, Tsuguiu fez um sinal de comando para o meio-elfo, dizendo que iria ficar de guarda enquanto o amigo pegava o frasco. Estavam tensos, pois sabiam que a poção não seria obtida gratuitamente. Assim que Baliak a tocou, ouviram algo nos escombros, como se algo tivesse subitamente se mexido. O barulho estava próximo a Tsuguiu que se virou habilmente à procura da ameaça enquanto Baliak guardava o frasco. De repente, três machados de batalha ergueram-se dos escombros, eles flutuavam no ar mantendo invisível a identidade daqueles que o empunhavam. Dois dirigiram-se contra Tsuguiu e o outro rumo a Baliak. O homem-do-norte estava cercado, um machado atacava-o pela frente e outro pela retaguarda. O da frente atacou primeiro e Tsuguiu esquivou-se rapidamente. Como era um exímio acrobata, tentou saltar para o lado esquerdo, buscando afastar-se do segundo machado e obrigando ambos a atacá-lo pelo mesmo front. No entanto, ocorreu algo que não lhe acontecia há muito tempo. Ao se impulsionar para o salto, escorregou nos escombros e tropeçou. Sem equilíbrio, foi alvo fácil do segundo machado que lhe acertou um profundo corte na altura do peito. O homem-do-norte emitiu um grito de dor, que pôde ser ouvido de muito longe. Os demais, ao ouvirem o grito de Tsuguiu, dispararam em direção à construção. Baliak não teve tantos problemas quanto seu companheiro, pois lutava apenas contra uma criatura. Não fora atingido, mas também não conseguia atingir aquilo que não via.

O homem-do-norte estava atordoado pelo golpe, que sangrava em seu peito. Ainda assim conseguiu aparar com sua katana o golpe do inimigo da frente, mas foi novamente atingido pelo machado que vinha pelas costas. O golpe foi forte e desta vez ele não teve forças sequer de gritar, pois sentiu uma dor profunda tomar conta de seu corpo. Caiu de joelhos, gemendo de dor e finalmente desabou fatalmente no chão. Neste momento, o restante do grupo entrou na construção, para o alívio de Baliak. Nitia-Gandriel e Assiral chegaram com seus arcos em punho e dispararam suas flechas que se perderam no vazio. Arthins golpeou com seu martelo de guerra e atingiu uma das criaturas. Um som semelhante ao de ossos se quebrando foi escutado. Enquanto isso, Baraz-Bund, Lariata e Joukthups ainda corriam. O primeiro possuía pernas curtas e por isso era lento, a guerreira também tinha desvantagem pois sua armadura era demasiadamente pesada, e quanto a Joukthups sua menor velocidade era resultado de seu vício em tabaco e ausência de

exercícios físicos. Ao se depararem com uma tropa que chegava, dois dos machados viraram-se, ignorando Baliak. A essa altura o meio-elfo havia sido atingido de raspão e tinha sua espada suja, aparentemente também acertou um golpe na criatura. Enquanto isso, Tsuguio permanecia imóvel no chão, de bruços e com uma crescente poça de sangue ao seu redor.

A ânsia por derrotar as criaturas era grande, pois precisavam ajudar o homem-do-norte. Arthins tinha dificuldades em atingir o adversário, mas com a chegada de Lariata conseguiram impor uma vantagem sobre a criatura invisível. Baraz-Bund e Assiral, agora com sua espada, formaram uma peculiar dupla na qual anão e elfo lutavam lado a lado. Baliak estava encurralado no canto e com dificuldades, Maliha aproximou-se, ajudando o meio-elfo. Enquanto isso, Nitia-Gandriel arrastava o corpo de Tsuguio, na esperança de ajudá-lo. Joukthups lançou uma magia, fazendo com que Baliak ficasse ainda mais forte.

Rapidamente, Arthins e Lariata derrubaram seu oponente, auxiliando Baraz-Bund e Assiral a derrotarem o outro. Maliha golpeou a criatura com sua maça e o meio-elfo deu o golpe final com sua espada. Por fim, Baraz-Bund derrubou o terceiro machado, após acertar um belo golpe molinete. Baliak e Baraz-Bund estavam feridos, mas sem gravidade. Os olhos voltavam-se para Tsuguio, que agonizava, e para Nitia-Gandriel, que tentava salva-lo. O corte era profundo e o homem-do-norte não reagia, Nitia utilizava panos tentando estancar o sangue que escorria na altura da cintura do homem-do-norte. Ela esforçava-se, mas parecia não surtir efeito, todos estavam preocupados e olhavam para a elfa com uma angústia silenciosa. Não era a primeira vez que viam um membro do grupo ferido, mas nunca ninguém havia ficado em estado tão grave.

\_\_Ele vai ter um choque. – disse Nitia sussurrando para si mesma.

\_\_É isso o que acontece com quem não respeita o perigo! – bronqueou Joukthups com Baliak.

\_\_O que aconteceu? Por que não nos chamou? – perguntou Lariata para Baliak.

\_\_Nós olhamos e não vimos nada. Achei que não ia ter problema. – disse Baliak intimidado e preocupado com o estado de Tsuguio.

\_\_Maliha, pressione aqui o ferimento. – disse Nitia de maneira objetiva. A jovem obedeceu rapidamente. Com as mãos livres, Nitia-Gandriel pôs-se de joelhos e após uma breve concentração disse de maneira firme:

\_\_ *Paxso mastirn Natusiest!*

Suas palavras mágicas assemelhavam-se com uma reza firme e submissa, como uma promessa de recompensas aos deuses. Natusiest é o nome da deusa adorada por Nitia e pela maioria dos elfos. É a deusa da natureza, que gerou a vida e criou os elfos para protegê-la. Apesar de ser uma divindade respeitada, Natusiest não possui muitos adeptos em grandes cidades, especialmente em territórios regidos pelos anões.

A magia de cura teve efeito instantâneo, e o sangue estancou em ambos os ferimentos. Tsuguiu voltou a si e olhou para Nitia ainda tonto.

\_\_Pensei que ia juntar-me aos meus antepassados. Desculpe-me Nitia, eu falhei. Nunca me aconteceu isso antes, nunca falho em meu salto. – disse Tsuguiu segurando-a fortemente, com o resto de força que ainda possuía.

\_\_Eu é que devo ser desculpado! – disse Baliak, abraçando-o e contendo a emoção. – Eu insisti em pegar aquela maldita poção! – Tsuguiu olhou o amigo e não disse nada. Sua máscara tapava-lhe as expressões deixando apenas os olhos para serem interpretados. Aparentemente, ele não culpava o amigo.

\_\_Deixe-o descansar. – disse Nitia. – Preciso curá-lo novamente. Ele ainda está muito debilitado. – Novamente Nitia proferiu palavras mágicas, mas dessa vez a magia surtiu menos efeito. Ela também fez talas e curativos em seus machucados, revigorando Tsuguiu tanto quanto possível. O homem-do-norte suportou bem a dor sem gemer ou dizer palavra alguma durante todo o tempo. Os homens-do-norte eram treinados para desenvolver hipoalgia, pois sabiam que os orcs utilizam a tortura como método de interrogatório. Pouco minutos depois, Tsuguiu estava novamente de pé, caminhando com certa dificuldade. Nitia também ajudou os demais, contendo sangramentos sem o uso de magias, pois já estava muito fatigada.

\_\_No próximo combate lutarei com meu arco. – disse Tsuguiu.

\_\_Ah, meu rapaz! Esse é o espírito! – disse Baraz-Bund, dando-lhe uma tapa de aprovação no ombro que quase o derrubou. – Essa é a maneira dos anões! Se estiver de pé, está pronto para lutar!

\_\_Ele ainda não está pronto. – disse Nitia, elegantemente. – Está debilitado e caso haja novo perigo não sairá de perto de mim.

\_\_De nós, você quer dizer. – completou Joukthups. – Vocês disseram algo sobre uma poção, não vejo nada além de escombros aqui.

\_\_Está aqui. – disse Baliak tirando-a de sua sacola e entregando a Joukthups. – Afinal, o que eram essas criaturas?

\_\_Interessante poção. – respondeu o arcano. – Ela própria lhe ajudará a responder sua pergunta.

\_\_Como assim? – perguntou Lariata, curiosa.

\_\_Isso é uma poção de invisibilidade. Provavelmente foi isso que eles tomaram, ou talvez sejam encantados com isso. – respondeu o mago.

\_\_Mas como isso é possível? – perguntou Arthins. – Esse local não está abandonado há um século?

\_\_Era o que eu temia. Talvez ele não esteja. – respondeu o arcano. – Por que acha que ninguém sai vivo daqui? Há alguma força oculta neste local. Acho que sei uma maneira de descobrir novas pistas. – dizendo isso, convocou nova magia. Em segundos os corpos das criaturas apareceram. Eram três morto-vivos cujos corpos eram anões no passado. Estavam mortos a muitos anos, mas ainda existiam em uma forma decadente, com ossos e epiderme à mostra e em decomposição. Todos sentiram asco das criaturas, com exceção de Baraz-Bund e Maliha. O primeiro estava transtornado e tocou uma das carcaças sem acreditar o que presenciava, já a jovem parecia curiosa como um gnomo que via uma invenção pela primeira vez.

\_\_Nossa, realmente há alguém com grande poder nesse lugar! Um servo negro de Mowendrus. – disse Maliha analisando os corpos sem pudor.

\_\_Esse novo poder será destruído! – disse Baraz-Bund furiosamente. – Esta não é uma maneira de tratar os meus antepassados! Eles serão vingados! Mostrarei que isso não é um labirinto. É um palácio! – continuou batendo firmemente o punho fechado em seu peito. Em seguida, pôs-se a andar rapidamente e dizendo. – O que estamos esperando?

\_\_Evitem usar armas perfurantes contra morto-vivos, é quase ineficiente. – disse Maliha, instruindo os demais quando eles começaram a seguir o anão. – Armas cortantes não são tão ruins, mas dêem preferência a armas contundentes. Seu martelo será muito eficiente aqui, Arthins.

O grupo seguiu o anão, sabendo que de nada adiantava teimar, ele parecia pronto para morrer em honra de seus antepassados. Caminhavam em clima sério e pesado, bastante diferente do que quando entraram em Laipem, e em passo lento, pois Tsugio era amparado por Nitia. O medo da morte finalmente se abateu sobre o grupo.